

ISMAIL KADARÉ

O jantar errado

Tradução do albanês
Bernardo Joffly

Copyright © 2009 by Librairie Arthème Fayard
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Darka e gabuar

Capa
Fabio Uehara

Foto de capa
Sabine Scheckel/ Getty Images

Preparação
Silvia Massimini Felix

Revisão
Ana Luiza Couto
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kadaré, Ismail.

O jantar errado / Ismail Kadaré; tradução do albanês
Bernardo Joffily. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras,
2013.

Título original: Darka e gabuar.
ISBN 978-85-359-2230-1

1. Ficção albanesa I. Joffily, Bernardo II. Título.

13-00984

CDD-891.9913

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura albanesa 891.9913

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Jamais se manifestara o menor sinal de ciúmes entre o dr. Gurameto Grande e o dr. Gurameto Pequeno. Embora tivessem o mesmo sobrenome, eles não possuíam qualquer laço de parentesco e, com certeza, se não fosse pela medicina, seus destinos nunca se cruzariam, nem os apelidos “Grande” e “Pequeno” os teriam posto numa confrontação seguramente indesejada.

Entretanto, parecia que uma mão invisível dispusera as coisas de tal forma que os dois — os mais renomados cirurgiões da cidade —, mesmo querendo, jamais conseguiriam se dissociar. Mais ainda: aparentemente a mesma mão invisível fizera com que aquela história possuísse uma harmonia interior, de modo que as coisas entre eles dessem a impressão de não poder ser senão o que eram desde sempre.

O dr. Gurameto Grande, além de ser mais corpulento e mais velho que o outro, tinha estudado na Alemanha, sem dúvida um país mais extenso e imponente que a Itália, onde estudara o dr. Gurameto Pequeno.

Embora o atrito entre os dois tardasse a se manifestar, todo

mundo estava convencido de que ele estava ali, ainda que cuidadosamente camuflado. Na qualidade de maior concorrência entre médicos que a cidade jamais conhecera, um dia ele certamente viria à tona, com um estrépito sem precedentes.

Enquanto isso, a situação não impedia que, em qualquer circunstância, os dois doutores, ou, mais precisamente, a relação estabelecida entre eles e o episódio em pauta, logo dessem na vista. Talvez aquilo viesse da profissão, em que as pessoas dificilmente admitem um empate de competências e mal podem esperar que ele seja rompido. Até então, em todas as ocasiões fora o dr. Gurameto Grande que, por assim dizer, vencera, ainda que essa palavra possa parecer excessiva nas circunstâncias dadas, assim como soa exagerado o verbo “perder” para o outro.

Quatro anos antes, quando ocorrera o que alguns chamaram de ocupação da Albânia pela Itália, e outros de unificação dos dois países, o acontecimento pareceu feito sob encomenda para impor o equilíbrio, ou, mais exatamente, para derrubar ou consagrar definitivamente o status do dr. Gurameto Pequeno, no confronto com o dr. Gurameto Grande. O falatório perdurou por um bom tempo. Num dia parecia que o Pequeno sairia vencido, no outro as coisas se invertiam. O próprio médico, como sempre, não fornecia o menor indício, enquanto o dr. Gurameto Grande trazia no rosto uma contida austeridade. A circunspeção, que lhe acentuava a corpulência, fora explicada das mais diferentes maneiras, até a derradeira especulação, estampada por um jornal humorístico, apresentando a reserva como um reflexo longínquo da irritação que Adolf Hitler teria manifestado quando seu amigo Benito Mussolini desembarcou na Albânia sem preveni-lo.

Por fim, passada a confusão das semanas iniciais, o dr. Gurameto Grande emergira com sua autoridade reforçada, o que alguns encararam como um paradoxo e outros como a consequência lógica das coisas, já que, independentemente da presença

italiana e das desavenças entre o *duce* e Hitler, a Alemanha continuava a ser a grande aliada, sem a qual a Itália do dr. Gurameto Pequeno ficaria desamparada como uma órfã.

A orfandade se consumara precisamente naquele outono: devido à sua inesperada capitulação, a Itália perdera sua aliada. Rompimentos de alianças eram coisas conhecidas desde que o mundo era mundo, mas o que ocorrera à Itália fora especialmente funesto. E, como se não bastasse aquela desgraça, o irmão mais velho alemão, em vez de pelo menos ostentar alguma piedade, ficara furioso. Proclamara a Itália desertora, ofendera-a, humilhara-a e, por fim, como se tudo aquilo não bastasse, ordenara que os soldados do Reich abatessem a sangue-frio os aliados de ontem, como se executam os desertores.

Os acontecimentos se precipitavam com tal velocidade que até a própria cidade de Girokastra, escolada em análises amplas e complexas do quadro mundial, parecera perder o prumo.

Era tamanha a perplexidade que, pela primeira vez, não se fez uma conexão entre o que estava acontecendo e os dois drs. Gurameto. Entretanto, era uma situação que parecia caída do céu para isso: a Itália estava de joelhos; o Exército alemão avançava a partir do sul, vindo da Grécia, para não deixar um espaço vazio na Albânia; o dr. Gurameto Grande e o dr. Gurameto Pequeno continuavam, como sempre, ali bem no meio da cidade.

Porém, a oportunidade escapara. As pessoas balançavam a cabeça, suspiravam e a seguir, filosoficamente, concluíam que o inconcebível esquecimento era a melhor comprovação da dramaticidade dos fatos.

Quanto mais se meditava sobre o assunto, mais ele parecia confuso — para não dizer misterioso. A Itália se rendera. Isso não havia quem desconhecesse. Mas qual passara a ser o status da Albânia? Capitulara também, junto com a península? Ou havia ali

algo por desemaranhar, algo que teimava em permanecer obscuro, resistindo a todas as tentativas de esclarecimento?

Algumas vezes a pergunta era formulada em termos mais simples: sendo a Albânia uma das três partes integrantes do império recém-derrubado, teria ela que suportar pelo menos um terço da fúria alemã?

Não era algo fácil de se responder. Que a Itália estava aguentando toda aquela cólera nas costas qualquer imbecil sabia, porém ninguém conseguia prever qual destino seria reservado aos dois outros componentes do império — a Abissínia e a Albânia. Alguns achavam natural que a ira se abatesse sobre os negros abissínios, como de hábito, enquanto outros consideravam que desancar os pobres negros de nada adiantaria, já que, com cólera ou sem cólera, eles viviam cada vez pior. Numa palavra, não havia escapatória, a fúria germânica iria desabar sobre a Albânia. Mais ainda quando o Exército alemão estava a menos de quarenta milhas de distância, provavelmente com água na boca como um lobo diante de um cordeiro.

A aflição já tomava conta da cidade quando aconteceu algo imprevisto que pôs fim às dúvidas. Certa manhã, dois aviões não identificados lançaram sobre a cidade milhares de folhetos. Estavam redigidos em dois idiomas, alemão e albanês, e explicavam tudo. A Alemanha não estava ocupando a Albânia, mas pedindo passagem. Apresentava-se como amiga. Longe de ter qualquer implicância com a Albânia, estava libertando o país da odiosa ocupação italiana. Ela devolveria à Albânia sua soberania violentada. Ela inclusive reconhecia a Albânia étnica, incluindo dentro de suas fronteiras Kossova* e a Chameria.** Ela...

* Pronúncia albanesa de Kosovo. (N. T.)

** Região no litoral noroeste da Grécia tradicionalmente habitada por albaneses. (N. T.)

As pessoas mal acreditavam em seus olhos. Era bom demais para ser verdade. E, no entanto, ali estava, por escrito, e não em uma, mas em duas línguas.

Depois que todos se certificaram de tudo e que os céticos lançaram mão de sua expressão costumeira — Como haverão de saber lá em cima o que acontece aqui embaixo? (designando com o “lá em cima” tanto os altos funcionários alemães como os aviões que soltavam os folhetos) —, ficou a impressão de que a cidade finalmente se livrava da angústia.

Um tanto quanto tranquilizadas, as pessoas se puseram a dar opinião sobre os folhetos. Como sempre, divergiam. Alguns elogiavam o modo de transmitir a notícia. Não parecia nem um pouco com as vigarices usuais — uma superpotência viola suas fronteiras, de noite, como um ladrão, e, logo pela manhã, sem um pinga de vergonha, diz: Você me atacou. Já aquela notificação, em pleno dia, fora uma coisa muito decente. Um comportamento de cavalheiros, por tudo que é sagrado, como quem oferece um cartão de visitas. E ainda por cima em duas línguas.

Seus patetas, diziam outros. Essa história de cartão de visitas é exatamente o pior desaforo que se pode fazer a um país. E mais ainda um país heroico como o nosso. Escute só, Estado albanês, amanhã cedo, às dez horas, aí estarei, venha me receber, não dê ouvido ao que dizem de mim, nem ligue para os canhões e tanques que trago, não se incomode, pois sou um alemão bonzinho, trago comigo apenas flores e cultura. Bando de idiotas, acreditam mesmo nessas baboseiras?

Ainda assim, é melhor mandarem um cartão de visitas que uma bomba, argumentavam os primeiros.

Uma terceira ala, dos que davam mais apreço que os demais às normas de conduta, manifestou outra preocupação. Era uma inquietação especial, tortuosa, como a de um gatinho gordo, presunçoso e um tanto quanto sem-vergonha: Pois bem, a Alemanha disse o que pensa; mas e a Albânia? Que atitude vai tomar?

Essa pergunta tirou do sério as outras tendências. Em vez de darem graças a Deus porque o alemão não nos esborrachou como fez com a Grécia, ficam aí torcendo o nariz. E então citavam dois ou três provérbios, entre os quais nunca faltava o da cabra que come capim e arrota cevada.

Entretanto, os mais pacientes diziam: Esperem, esperem. E mostravam uns panfletos encontrados à noite nas portas das casas. Ainda que não possuíssem uma aparência elegante nem tivessem caído do céu (para não mencionar que eram escritos numa língua só), os panfletos contestavam os folhetos bilíngues de alto a baixo. Eles chamavam as pessoas a pegarem em armas, nem mais nem menos. Os alemães eram ocupantes maléficos, piores até que os italianos.

Todos mostraram incredulidade, mas mesmo assim se puseram a matutar. Ao que parecia, a Albânia se dividia entre duas atitudes, o que aliás não causava espanto em Girokastra. Era fato sabido que em certas ocasiões a cidade se considerava mais sabida que o resto do país. E aquele era exatamente um desses momentos, já que, como primeira cidade de porte por onde os alemães iriam passar, caberia a Girokastra lidar com eles, mais a sério que quaisquer outros.

2.

Havia diferentes explicações para a desenfreada megalomania daquela cidade. A mais difundida fazia referência ao seu isolamento. Os adeptos dessa variante, dando-se conta de que ela sozinha parecia insuficiente, apressavam-se em acrescentar que a palavra “isolada”, no caso, requeria um complemento. A cidade estava cercada por vastas extensões que tinham laços frouxos com ela e a encaravam como um corpo estranho, para não dizer hostil. Ao norte, às suas costas, para além de uma montanha sem fim povoada de raposas e lobos, ficavam as aldeias da Laberia, que pareciam igualmente infundáveis devido à sua natureza rústica. Em frente, a leste, para além do rio e seu vale, estendiam-se as aldeias da Lundjeria, completamente apartadas, dessa vez pelo motivo oposto, o da fecundidade. Ao sul, depois do rio, dos dois lados do vale ficavam as aldeias da minoria grega, que, embora menosprezadas, perturbavam a harmonia espiritual da cidade pelo menos tanto quanto a de seus outros vizinhos. Era uma perturbação traiçoeira, que agia mais durante o sono que à luz do dia, raramente com e quase sempre sem motivo. Tal como uma ten-

tação pecaminosa, relacionada com os camponeses gregos que trabalhavam como meeiros nas terras dos moradores da cidade, ela despertava nestes uma imagem deformada não só dos gregos, mas de todo e qualquer helenismo, inclusive o Estado grego, a política e até a língua.

Como se esse mosaico não fosse o bastante, bem no meio dele, mais especificamente entre a cidade e a zona minoritária, ficava Lazarat. Aldeia teimosa e brigona como aquela nunca existira. Como não se achava explicação para a implicância entre Lazarat e Girokastra, os cronistas se contentavam em opinar que as coisas não eram tão ruins assim, pois ao se concentrar contra a cidade a birra não se estendia à Albânia inteira.

Dizia-se que, nas noites mais escuras, as luzes da cidade, mesmo amortecidas pela distância, enervavam os lazaratenses a tal ponto que eles não se continham e disparavam contra elas suas espingardas.

Os cronistas mais razoáveis atribuíam a inimizade precisamente às altas moradias da cidade, em cujos andares superiores, conforme a crença, viviam as *senhoras*. De acordo com essa interpretação, como as casas altas não podiam perder pavimentos, nem as *senhoras* se converter em antissenhoras, o desentendimento assumia ares de fatalidade e aparentemente assim continuaria.

Já a cidade, acostumada com aquilo tudo, não buscava nem apaziguamento nem diálogo com quem quer que fosse. Qualquer outro centro urbano, confrontado com uma frieza tão grande e generalizada, buscaria, talvez, aliar-se a um lado contra o outro, por exemplo ao da Laberia contra a minoria grega, ou ao de Lazarat contra a Lundjeria. Ocorre porém que aquela cidade era menos sábia do que parecia, ou mais, o que no final das contas dava no mesmo.

Longe de buscar qualquer conciliação, à noite ela iluminava ameaçadoramente sua prisão, que ficava na parte mais alta da for-

taleza, que, por seu turno, era o ponto culminante de sua rede de ruas. Com aquela impenitente iluminação, que viajantes já haviam comparado à da Acrópole de Atenas — porém pelo lado desfavorável —, Girokastra proclamava sua mensagem aos arredores: é aqui que vocês todos, labers e gregos, lazaratenses e lundjerenses, hão de padecer, sem piedade e sem trégua.

A ameaça nada tinha de vã, bastava recordar os trezentos juízes imperiais que haviam voltado para casa ao perderem seus empregos depois da queda do Império Otomano.

O regresso deles teria enraivecido qualquer urbe, por mais cordata que fosse, para não falar de Girokastra. Era o que se comentava à sua volta: se ela não se dá nem com a Lundjeria, não espere que seja afável com quem quer que seja. As aldeias lundjerenses se estendiam aos pés da cidade, do outro lado do rio, com suas igrejas repletas de luminárias e sinos para anunciar as Páscoas, seus regatos e suas moças de rara doçura. A cidade, embora às vezes parecesse uma velha pedreira cega, observava tudo ao seu redor. Periodicamente, moças solteiras ou recém-casadas desapareciam da Lundjeria. As buscas se prolongavam por toda parte, nas nascentes, ao pé da montanha, nos campos de pastagem, até que, tempos mais tarde, um murmúrio, leve como o roçar de cetins, asseverava que a desaparecida acabara no interior de uma das altas casas girokastritas.

Nunca fora comprovado se aquela cidade era ou não uma raptora de mulheres. Assim como jamais se verificara se as moças eram efetivamente raptadas ou se esvoaçavam como mariposas em torno das pesadas portas, até serem sugadas por elas um dia, e nunca mais saírem. Não se sabe o que lhes ocorria lá dentro. Eram felizes ali ou não? Entre as duas indagações erguia-se uma terceira: haviam se transformado em senhoras, como sonhavam? Ou há muito já não passavam de sonhos, nada mais?

Esse era o quadro na véspera da chegada dos alemães. O

antigo preceito, de que diante do perigo a Albânia caía em si e esquecia as desavenças internas, não se confirmara.

As opiniões se dividiam ao meio. Os comunistas, como se esperava, convocavam à guerra com todo ardor e urgência. Os nacionalistas eram contra, mas sem apetite por ardores nem urgências. Segundo eles, um excesso de paixão teria mais a ver com a Rússia que com a Albânia. Ainda segundo eles, o pequeno país não tinha motivo para se intrometer no conflito cegamente, sem levar em conta seus próprios interesses. A Alemanha era inegavelmente uma ocupante, mas a Rússia vermelha não seria melhor. Além do mais, a Alemanha trazia Kossova e a Chameria, ao passo que a Rússia nada traria, exceto kolkhozy.* Havia inclusive ocasiões em que as palavras “Albânia étnica” nos folhetos alemães, em vez de alegrar, tinham aborrecido os comunistas. Até parecia que o afã destes pelo combate vinha daí. E era algo natural, pois no comando deles havia dois ou três chefes sérvios, para os quais a expressão “Albânia étnica” era pior que a peste.

As divergências de opinião ganhavam força a cada hora. Os debates nos cafés da cidade eram mais cortantes que os das senhoras. Passe, senhor alemão, faça como você prometeu: transite. Não me toque e não o toco. *Achtung!* Quebrou as unhas na Grécia e na Sérvia? Problema seu! Entregue-me Kossova e a Chameria, *jawohl!***

Entre todas as suposições, aconteceu a pior. Às portas da cidade, na rodovia, a vanguarda de batedores da tropa alemã foi alvejada com armas. Não houve combate, longe disso. Foi uma simples emboscada.

As motocicletas dos três batedores fizeram uma aterrorizan-

* Referência às fazendas coletivas soviéticas. (N. T.)

** “Sim, senhor!”, em alemão no original. (N. T.)

te meia-volta e regressaram ao ponto de partida. Os atiradores também recuaram, como se o bosque os tivesse devorado.

Um instante mais tarde a notícia irrompeu nos dois cafés da cidade. Como de hábito em circunstâncias assim, as pessoas trataram de ir logo cada uma para sua casa. Enquanto se despediam, trocavam seus últimos comentários, parte deles culpando os comunistas, que tal como de outras vezes tinham feito uma provocação e depois sumido, e outra parte contestando aqueles que tentavam a todo custo fazer as pazes com o lobo.

Antes mesmo que as pesadas portas das casas se fechassem, outra notícia correria: a cidade seria punida por sua perfídia.

O que deixara todos boquiabertos não fora a punição em si, mas sua modalidade nada usual: explosão. Era de apavorar, naturalmente, porém a primeira impressão que deixou foi menos de pavor que de vergonha.

As pessoas precisaram de um certo tempo para voltar a si. Então iriam lançar pelos ares as casas de pedra, os títulos de propriedade, os trezentos juízes imperiais, as residências das senhoras, e junto com elas as próprias senhoras, com suas sedosas camisolas de dormir, seus segredos e pulseiras, que tombariam por terra como pedrinhas de granizo.

As pessoas voltavam a suas querelas anteriores, como se dejessem afastar a intolerável perspectiva. Vejam só o que nos fizeram os comunistas. Vejam o que nos fizeram vocês, ao pensar que ficariam com Kossova e a Chameria. Não nós, vocês, quando fingiam que combatiam. Nada disso, nós combatemos e vocês ficam assistindo? Nós não falamos em combate, vocês falaram, vocês mentiram. Então, partimos para a guerra? Calma, fique aí. Lute, morra, mas não dê no pé!

Assim eram as disputas, mas, como brigar era cansativo, logo voltavam à pergunta não respondida: quem atirara nos alemães? O silêncio que se seguia não era menos opressivo, de

modo que desejando ou não voltavam outra vez à forma do castigo: explosão. Era ruim, sem dúvida. Porém pior ainda era o outro mal, não mencionado e vexaminoso. Punição de cidades era algo que sempre acontecera, a ponto de parecer, pensando bem, que o mundo desde seus princípios fizera delas seu passatempo número um. Cercava-se a cidade, cortava-se a água, cortava-se a comida, disparavam-se canhões contra ela, rebentavam-se suas portas, derrubavam-se os muros, reduziam-se as casas a cinzas, arrasava-se tudo, chegava-se até a cobrir o chão de sal para que nem as ervas crescessem. Assim tombavam as cidades, com dor profunda, mas com hombridade — porém, deixar-se explodir já era outra coisa...

Por fim compreendeu-se de onde vinha o sentimento de vergonha. A tragédia residia em outro ponto: a semelhança com as punições reservadas às mulheres. Um castigo de mulher, será que ouvi direito?, perguntavam as pessoas sentadas à mesa. O cerne do problema era tão fácil de captar sem o uso da razão como indecifrável quando se recorria a ela. Ser explodido, demolido, deflorado, eram coisas que se aplicavam às mulheres. Numa palavra, a cidade, que sempre se orgulhara de viver com hombridade, estaria condenada a morrer como uma mulherzinha.

Seria finalmente a alegria das vizinhanças tantas vezes menosprezadas. Ou, quem sabe, elas até lamentariam, pela primeira vez na vida, mas — que fazer? — seria tarde demais.

Nesse ponto, não só as mentes mas também as vozes se deixavam abater. Só restava aos homens volver a cabeça para não caírem no choro junto com as mulheres, que, como mulheres que eram, já estavam aos prantos.

Aquilo que tombava junto com o crepúsculo ainda não tinha um nome. Eventualmente poderia ser chamado “silêncio”,

embora fosse mais profundo, e tão diferente deste último como o barulho.

Os que pretendiam deixar a cidade já haviam se retirado, alguns para as aldeias da Lundjéria, outros no rumo da grande montanha, onde, em sua opinião, encontrariam mais compaixão por parte das raposas e dos lobos.

O estrondo dos tanques de guerra era algo que já conheciam, ainda que, devido à longa espera, agora ele soasse distintamente, a ponto de muitos pensarem que o rumor prolongado era a própria explosão, só que uma explosão diferente, à moda alemã, ao que parecia de recente invenção.

Finalmente os tanques alemães apareceram, movendo-se em fila indiana ao longo da rodovia, ordenados e sombrios. O primeiro deles chegou em frente à ponte do rio, parou, girou em torno de si e apontou o canhão para a cidade. O segundo fez o mesmo, seguiu-se o quarto, o sétimo e todos os outros, um a um.

O significado daquilo que estava acontecendo repentinamente se fez claro, sem a mínima confusão; dir-se-ia que os tanques, junto com seu barulho ritmado, tinham trazido uma outra maneira de encarar o mundo. Antes mesmo que o primeiro projétil fosse lançado, os moradores haviam captado não só a mensagem, mas também tudo mais. A velha cidade atacara os batedores do Exército alemão. Seria punida conforme as leis da guerra, que não levam em consideração se ela era ou não uma urbe emproada, senil ou mesmo maluca.

Entretanto, o primeiro projétil já voava, por sobre os telhados.

A tortura prosseguiu por um bom tempo. Debaixo do assombio das granadas, que passo a passo iam se aproximando da periferia para o centro da cidade, as pessoas em seus abrigos pronunciavam o que pensavam ser suas últimas palavras, faziam testamentos verbais, rezavam.

Subitamente o bombardeio cessou. Os curiosos, que saíram primeiro dos porões para ver o que ocorrera, admiraram-se ao ver que ali fora ainda havia uma cidade, não ruínas como tinham imaginado. Mas aquilo era o de menos em comparação com a segunda novidade. Esta se vinculava à trégua no bombardeio, sendo portanto nebulosa e repleta de mistério. Alguém, entre os moradores, agitara um pano branco, de algum telhado que não se sabia ao certo onde ficava; em resumo, fizera o gesto de rendição aos alemães.

Foram muitos os que acreditaram no episódio, e outros tantos os que o chamaram de alucinação.

Enquanto isso, o bombardeio realmente silenciara, o estrépito dos tanques voltara a soar; apenas, agora, eles subiam lentamente em direção à cidade.

Tombava, finalmente, o crepúsculo, o momento em que as perguntas se faziam mais difíceis. Quem erguera o pano branco? A outra pergunta — quem atirara contra os batedores alemães? — agora parecia coisa simples, uma criancice. Predizia-se que rapidamente ela seria esclarecida, e até que no futuro muita gente haveria de se orgulhar do episódio. Ao passo que o sujeito do pano branco mergulharia cada vez mais fundo nas trevas.

Ninguém especificava ao certo nem o sujeito e nem mesmo a casa em cujo teto se erguera o sinal. Em algum lugar daquele lado, diziam, inseguros, aqueles que pensavam tê-lo visto. Outros faziam especulações sobre quem poderia ter sido. Apesar disso, quando chegava a hora de indicar um nome, ou pelo menos um telhado, todos davam de ombros, dizendo que aquela vergonha, se é que podia ser assim chamada, era do tipo que não pode ser suportada por um único homem ou um só teto.

Todos estavam de acordo nesse ponto, tão fortemente que, quando alguém encontrou por fim uma explicação nova para o episódio, uma explicação atenuante e diluente de culpas como

o vento, todos se sentiram aliviados. A interpretação era de uma espantosa simplicidade: em vão se procuraria a pessoa ou o fantasma que supostamente hasteara o símbolo branco da rendição, ele jamais seria encontrado, pela simples razão de que o sinal não fora agitado por nenhuma mão de gente ou visagem, mas pela brisa de setembro. Portanto, fora a brisa de setembro, claro, que enfunara a alva cortina de alguma das janelas deixadas abertas enquanto os moradores se escondiam nos porões, puxara a cortina para fora da janela e agitara-a por duas ou três vezes diante dos alemães.

Numa palavra, os habitantes de Girokastra podiam finalmente ficar tranquilos, pois nem a covardia nem muito menos algum assomo de traição tinha gerado o sinal, fora unicamente a mão do destino, que, sob a feição da brisa, fizera o que tinha de ser feito. E fizera-o de modo tão perfeito que o vento, assim como pusera a cortina para fora, no mesmo impulso a retraía e recolhera logo depois... De maneira que ninguém, mão, janela ou mesmo a casa onde se agitara o pano branco, jamais poderia ser identificado.